

Ponto de fuga convergente: o ponto de vista em *O louco do Cati*

*Débora Oliveira Lisboa*¹

Resumo

A pesquisa ocupa-se da investigação sobre a construção do ponto de vista por Dyonélio Machado em seu segundo romance, *O louco do Cati*, publicado em 1942. Entende-se por ponto de vista o conjunto formado por narrador, foco narrativo e ângulo de acompanhamento em que se coloca o leitor. No romance em estudo a configuração do ponto de vista é peculiar, vez que apresenta a matéria narrada de modo tensionado entre narrador e ângulo de visão, como um objeto situado entre dois pontos de fuga, culminando em desfecho convergente ao final. Ainda assim, é pela exploração do ponto de vista que se obtém a unidade do romance, já que há dificuldade na identificação dos contornos e relações entre os elementos fundamentais da narrativa, a saber, enredo, personagem, tempo e espaço. Na aventura narrada, o desenrolar dos fatos não parece seguir nenhuma lógica, posto que tem ponto de partida desconhecido, ida para destino incerto, entraves diversos no meio do caminho e volta para ponto que não coincide com o de saída. Durante a narração, o personagem principal parece ausente, com limitações para perceber a realidade e interagir com ela e, ao mesmo tempo, está o tempo todo ali, quase ao fundo da ação. Esse indivíduo é visto e comentado pelo narrador e pelos demais personagens responsáveis pelo andamento da narrativa, porém ao mesmo tempo está sofrendo um processo que altera sua consciência e subjetividade. Descrever e analisar a construção do ponto de vista na obra, verificar as implicações que esse modo de composição traz para os elementos fundamentais da narrativa e apontar para possíveis efeitos de sentido decorrente desta configuração formal é o que pretende o trabalho.

Palavras-chave

Modernismo (Literatura) Brasil; Dyonélio Machado (1895-1985); ponto de vista; *O louco do Cati*

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Universidade de São Paulo. Email: debora.lisboa@usp.br.

Na primeira metade do século XX, notam-se alterações na configuração do romance e na exploração do ponto de vista em toda a Literatura Ocidental. No Brasil, destaca-se a peculiar construção de *O louco do Cati*, de Dyonélio Machado, publicado em 1942. No referido romance, tem-se a incômoda sensação de que o narrador está situado em uma posição, enquanto há outro ângulo do qual são vistos os fatos narrados. Descrever e analisar a construção do ponto de vista na obra, verificar seu impacto nos elementos fundamentais da narrativa e apontar para possíveis efeitos de sentido decorrentes de sua configuração formal é o que pretende o presente trabalho.

A escolha de um romance do começo dos anos 1940 para estudo deve-se ao fato de que neste período há um ponto de inflexão nos rumos da História mundial e da cultura. No Brasil, tem-se que nas décadas de 1930 e 1940 inicia-se e consolida-se um movimento inédito na literatura brasileira: o esforço de representação do outro assumindo-o como alteridade. A nossa República se torna “Velha” com a Revolução de 1930 e a sociedade brasileira adquire complexidade no processo de modernização e urbanização. A literatura torna-se engajada e questionadora. Dá-se maior atenção àqueles distantes dos intelectuais e literatos e à alteridade das crianças, dos loucos, dos animais e dos homens mais “primitivos”. Novos campos abrem-se à exploração literária e o artista se vê às voltas com a necessidade de criar novos mecanismos capazes de dar forma a essas matérias, ao mesmo tempo em que precisa se posicionar no embate político-ideológico da época. É neste contexto que *O louco do Cati*, de Dyonélio Machado, é produzido, apresentando razões extraliterárias e literárias que justificam sua escolha para estudo.

Primeiramente, é escrito por um autor gaúcho, que inicia na mesma corrente política liberal-positivista de Getúlio Vargas, porém torna-se seu opositor ao participar de movimentos de orientação socialista, sendo preso duas vezes em 1935. Essa é uma das experiências biográficas selecionadas, dentre inúmeras outras, para ganhar forma literária e aparecer no romance.

Outro elemento extraliterário é a concepção da ciência médica vigente à época e o conhecimento que dela tinha o autor. Dyonélio forma-se médico em 1929 e no ano

seguinte especializa-se em psiquiatria e neurologia, trabalhando como psiquiatra por trinta anos. A medicina ainda sofria forte influência do cientificismo e biodeterminismo do final do século XIX, de modo que se enxergava uma ligação estreita entre loucura, violência e crime, devendo a loucura ser tratada como doença e o criminoso como um degenerado biológico. Dyonélio questiona essa ciência baseada em características físicas aparentes e o próprio conceito de loucura. Ademais, elege um indivíduo supostamente louco para materializar a alteridade.

Há, ainda, a disparidade nas reações que *O louco do Cati* causa entre escritores e críticos. A primeira edição, em 1942 pela Editora do Globo, aparece logo após a escrita do livro. A segunda edição, contudo, só sai em 1979, pela Vertente. Isto porque, após a primeira edição, a crítica jornalística não recepiona de modo positivo as inovações temáticas e formais, e de modo semelhante há estranheza por parte do público. Mário de Andrade e Guimarães Rosa destacam-se entre os escritores que apreciam o livro e tecem elogios. Por seu turno, a crítica literária acadêmica toma-o por objeto apenas na década de 1990. Essas atitudes extremas de desprezo ou exaltação dão mostras de que o romance contém algo de intenso.

Dentre as razões literárias para o estudo, está o modo peculiar de configuração dos elementos fundamentais da narrativa. Sua trama traz em primeiro plano encadeamento de fatos que não só rompe com a sequência cronológica pela superposição de tempos, como também com a sequência lógica própria de uma narrativa de aventura. A “ação” tem início com o “protagonista” em um bonde e sua descida no ponto final da linha, onde se junta a um grupo de amigos que está de saída para um passeio. O passeio não tem destino preciso, já que depende das condições do caminhão em que viajam e das estradas. Num dado ponto, o “protagonista” e Norberto separam-se dos demais, tentando seguir caminho não se sabe para onde. Há movimento constante, mas a “ida” não se completa devido a entraves: caminhão sem gasolina, quebrado, inadequado para estradas ruins ou interrompidas, bloqueios policiais, falta de dinheiro e de provisões, prisão fora dos trâmites convencionais, transferência para a capital federal por via marítima. No meio

da “aventura” principal, aparecem trechos de fatos da infância e juventude lembrados pelo “protagonista”. Uma vez liberto, o “protagonista”, é mandado de “volta”, que não é menos conturbada que a “ida”, tendo por final a metamorfose ou simbiose do protagonista com um cachorro sugerido ao longo da narrativa e seu encontro com as ruínas do Cati.

A configuração do personagem principal também tem entraves. O indivíduo tem postura mais passiva que ativa, não impulsionando diretamente o desenvolvimento da trama. Na “ida” e na “volta” narradas, o “protagonista” não retorna ao ponto do início. Mesmo acompanhando-o por todo o “trajeto”, não se sabe seu nome, quem ele é, de onde vem. Tudo o que se sabe é que não é um tipo convencional e que tem um trauma: a violência praticada no antigo quartel do Cati, que funcionava no Rio Grande do Sul no final do século XIX com a finalidade de controlar a população após o encerramento da Revolução Federalista. No presente da “aventura” narrada, o personagem principal parece ausente e, ao mesmo tempo, está o tempo todo ali. A construção de seu olhar é complexa, pois feita de sutileza, quase ao fundo da ação principal. Sua consciência e subjetividade parecem cindidas pelo trauma da violência, que não cessa de ser perpetrada das mais diversas formas e contribui para a fragmentação do sujeito. A forma de construção do personagem materializa essa fragmentação e a existência repleta de coisas incompatíveis do indivíduo deslocado à margem da ciência médica e da sociedade. Ainda assim, este sujeito é deslocado de uma posição inicial acerca de si e do lugar que tem no mundo para uma outra posição.

O indivíduo se vê em meio a um processo de modernização de estradas e instituições, à repressão do Estado, à organização (ou sua falta) dos movimentos de oposição política e à vida privada de famílias do sul do país, ao mesmo tempo em que carrega questões pessoais de seu passado. O personagem tem limitações em perceber a realidade e interagir com ela. Se a dissonância entre a alma dos sujeitos e as formas presentes no mundo, que não lhe conferem sentido, centro de organização ou vínculo de pertencimento a uma totalidade, é marcante no gênero romance, em *O louco do Cati*, o “herói” parece alienado do espaço em que se encontra e do tempo em que vive, ou seja,

da própria matéria narrada.

O que resulta desta breve tentativa de apresentar o romance é a dificuldade de enxergar os contornos e relações entre os elementos fundamentais da narrativa, a saber, enredo, personagem, tempo e espaço. No entanto, o autor consegue “dar liga” a esses elementos aparentemente inconciliáveis por meio do manejo do ponto de vista, assim entendido o conjunto formado por narrador, ângulo de acompanhamento dado ao leitor e foco narrativo. Devido a essas características, escolhe-se para estudo a investigação da construção do ponto de vista, bem como das implicações que o manejo de tal recurso tem para a produção de sentidos.

Uma série de questões pauta esse estudo: 1) Quem fala ao leitor? 2) De que posição em relação aos fatos narrados o “ente narrativo” conta? 3) Quais são os canais de informação usados? 4) A que distância e em que ângulo se coloca o leitor da matéria narrada? 5) Que implicações a construção do ponto de vista traz para os elementos fundamentais da narrativa? 6) Que efeitos de sentido são obtidos pelo manejo do ponto de vista? 7) Qual é o lugar da obra na tradição literária?

Parte-se da seguinte hipótese inicial: *O louco do Cati*, de Dyonélio Machado, apresenta a matéria narrada de modo tensionado entre narrador e ângulo de visão, como um objeto situado entre dois pontos de fuga, culminando em desfecho convergente ao final.

O estudo se desenvolve em quatro passos. O primeiro é a investigação do uso de elementos biográficos selecionados pelo autor para ganhar forma literária, por reveladoras de certa visão de mundo, abordando-se o homem Dyonélio como centro de relações sociais, familiares e históricas. O segundo é considerar o impacto do romance na obra de Dyonélio, na literatura gaúcha e na literatura brasileira, passando pelo tratamento dado ao autor e ao livro pela crítica. O terceiro, por sua vez, consiste em descrever e analisar os procedimentos utilizados na composição do ponto de vista com relação ao personagem-título, outros núcleos atuantes, o tempo e o espaço, num “corpo a corpo” com o texto do romance. O quarto e último passo, por fim, é dedicado às hipóteses interpretativas advindas de um olhar sintético sobre a estrutura, o gênero e a temática, estabelecendo

relações entre o romance, a história, a sociedade e a cultura brasileiras.

Para tanto, pretende-se confrontar trechos do romance com biografias do autor, autobiografia, entrevistas, depoimentos, livros e jornais sobre fatos históricos, obras de historiografia literária gaúcha e brasileira, crítica literária em jornais, artigos e trabalhos acadêmicos, bem como teorias da narrativa.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Márcia H. Saldanha. *A paródia em O louco do Cati*. Porto Alegre: EDIPUC/RS, 1994.

BOSI, Alfredo. “Uma trilogia da libertação”. In: MACHADO, Dyonelio. *Prodígios*. São Paulo: Moderna, 1980.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp, 2006.

CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos 1750-1880*. 10ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2006.

COSTA, Flávio Moreira da. O louco do Cati. *Correio do Povo*, Porto Alegre, Caderno de Sábado, p. 2, 17 fev. 1979.

COUTINHO, Afrânio (org). *A Literatura no Brasil*. Vol.5. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1970.

DUCLÓS, Nei. Quarenta anos de silêncio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 27, 3 fev. 1979.

FOUCAULT, Michel de. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GRAWUNDER, Maria Zenilda. O escritor que depõe. In: MACHADO, Dyonelio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990. p.I-XI.

GRAWUNDER, Maria Zenilda (org). *Cheiro de coisa viva - Dyonelio Machado*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.

HOHLFELDT, Antônio. *Dyonelio Machado*. Letras Rio-Grandenses, 10. Porto Alegre: IEL, 1987.

MACHADO, Dyonelio. A literatura como consciência do povo. *Escrita: Ensaio*, São Paulo, ano 1, n. 1, 1977, p. 23-28.

_____. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: IEL, 1990.

_____. *O louco do Cati*. Porto Alegre: Globo, 1942.

MADRUGA, Artur. *Dyonélio Machado*. Coleção Esses Gaúchos. Porto Alegre: Tchê!. 1986.

NETO, Lira. *Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PACHECO, Ana Paula. “A atualidade de *O louco do Cati*, de Dyonélio Machado”. In: *Recordando a Walter Benjamin: justicia, historia y verdad. Escrituras de la memoria*, 2010, Buenos Aires. III Seminario Internacional Políticas de la Memoria, 2010. v. IV. Disponível em http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2010/10/mesa-25/pacheco_mesa_25.pdf (Acessado em 01/10/2015).

STEEN, Edla van (Org.). Dyonelio Machado. In: *Viver e escrever*. Porto Alegre: L&PM; Brasília, INL, 1982, v. 2, pp. 123-139.

TILL, Rodrigues. *Dyonélio Machado: o homem – a obra*. Porto Alegre: ERJ Edições, 1995.

ZILBERMAM, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.